

O SUJEITO DA PSICANÁLISE: Um novo conceito? THE SUBJECT OF PSYCHOANALYSIS: A NEW CONCEPT?

*Magali Silvia Scabora de Lacerda **

*Mariana Goedert Gimenes ***

*Sandra Cardoso Machado Teixeira ****

*Zeila Cristina Facci Torezan *****

RESUMO

Este artigo discute as transformações do sujeito na contemporaneidade em substituição àquele nascido com a Psicanálise no século XX, verificando se realmente podemos falar de uma mudança conceitual. Entendemos que os conceitos de Freud nos revelam o sujeito, objeto de suas investigações, e que se faz necessário olhar, cuidadosamente, para o contexto social de onde emerge esse homem.

PALAVRAS CHAVE: Psicanálise; sujeito contemporâneo; crise ética.

ABSTRACT

This project argues on the transformations of the contemporary subject in substitution to that one born with the Psychoanalysis in XX century, searching to verify if it is possible to speak of a conceptual change. We understand that the concepts of Freud reveal the subject to us, which is the object of its inquiries, and it is necessary to look carefully, to the social context of where emerges this man.

KEYWORDS: Psychoanalysis; contemporaneous subject; ethical crisis.

81

INTRODUÇÃO

Queremos traçar o conceito de sujeito na Psicanálise e fazer uma análise do mesmo na atualidade, considerando as mudanças decorrentes das transformações sócio-históricas. O caráter dessa análise leva-nos a colocar em questão as transformações ocorridas e vivenciadas na configuração do sujeito da Psicanálise, que não passou incólume à efervescência política, social, cultural desde seus primórdios.

Não hesitaríamos em afirmar que o sujeito que se apresenta nos dias de hoje não é mais globalmente o mesmo que se apresentava a uma geração. A condição subjetiva desse sujeito também está submetida à historicidade. Ninguém mais põe em dúvida que o pensamento freudiano está para além da terapêutica afetando domínios tão diversos quanto os da literatura, das artes, da religião ou da política, tornando-se uma das mais ricas e fecundas experiências e conquistas do século XX.

A importância deste tema se estabelece basicamente na necessidade de investigar as transformações que vislumbramos e suas evidentes manifestações no sujeito contemporâneo e seu aparelho psíquico em relação ao sujeito freudiano, levando-nos a questionar se epistemologicamente há um novo conceito de sujeito.

Autores como Elia (2004), Roudinesco (2000), Dufour (2005), entre outros, serão utilizados por se tratarem de comentadores de textos psicanalíticos e estudiosos da área. Recorreremos

* Graduada em Pedagogia pela UEM e acadêmica em Psicologia pela UniFil - magascabora@gmail.com

** Acadêmica do curso de Psicologia pela UniFil - mari2g@hotmail.com

*** Acadêmica do curso de Psicologia pela UniFil - sat@sercomtel.com.br

**** Docente de Psicologia na UniFil. Doutora em Psicologia pela UFSC.

a estes autores por compreendermos que suas teorizações trazem novas contribuições para o desenvolvimento da pesquisa.

Traçamos, através desses comentadores, um paralelo entre os escritos clássicos até os mais atuais com a finalidade de comparar as diferentes maneiras de expressão, descrição e interpretação dos sujeitos modernos e pós-modernos, descrito por cada autor. Sendo assim, uma pesquisa de caráter teórico, qualitativa.

A partir da leitura dos autores citados anteriormente, procedeu-se o que Garcia-Roza (1994), denominou *releitura*. Ela precisa ser um processo segundo qual o pesquisador não deve impor ao texto as suas próprias questões, mas tentar identificar e interpretar os conteúdos, objetivo e subjetivo, das questões colocadas pelo texto.

Essa pesquisa teórica se propôs a atingir uma questão abstrata que foi objeto de outras reflexões, como, no caso, o conceito de sujeito na Psicanálise. Trabalhar o sujeito contemporâneo é por vezes mais difícil. Tal tarefa pode ser facilitada desde que se trabalhe o sujeito contemporâneo com o olhar voltado para suas raízes históricas, produzindo assim melhor resultado na pesquisa.

O SUJEITO DA PSICANÁLISE

Após deixar a crença na fé católica e aristotélica imposta na Idade Média, o mundo ocidental passou por um período de descrenças e dúvidas, que resultaram em transformações sociais, econômicas e religiosas grandiosas – deixando a humanidade ainda mais atordoada com suas descobertas. O mundo e seu Deus, como eram conhecidos até então, haviam caído e o que restara era apenas o homem e a garantia de sua interioridade.

82

Descartes usa toda essa incerteza como o ponto de partida de seu pensamento, chegando a certeza da razão que propôs no cogito “Penso, logo existo”. Ele inaugura o cogito com base em um sujeito totalmente racional e essa segurança vem de esta ser um princípio que não precisa de nenhuma outra proposição para se apoiar.

Por isso que, ao nascer no começo do século XX, a Psicanálise encontrou rejeição por grande parte dos intelectuais. O livro de Freud, *A Interpretação dos Sonhos*, era fruto do seu conhecimento do século XIX, mas foi do século XX que ele se apossou e tornou-se notável. Aquele momento era de efervescência cultural, com descobertas, invenções e teorias. Mas todas baseadas na racionalidade.

Freud propõe que a Psicanálise, a partir do momento em que chocou a sociedade, seria a terceira grande ferida narcísica da humanidade. E então, após terem nos tirados do centro do universo e terem dito que temos ancestrais em comum com os símios, ainda nos apresentam ao inconsciente. Desde Descartes, o sujeito tinha a sua subjetividade na consciência, que era clara e verdadeira. A partir de Freud, nós não somos mais governados pela razão e a consciência tornou-se apenas o lugar onde acontece a ilusão. Desde então somos o sujeito do inconsciente.

É importante também marcar a diferença entre o sujeito e o eu do ponto de vista psicanalítico. Sujeito é o todo, a pessoa em sua totalidade, enquanto o eu é apenas um ponto de tal sujeito. “Não se pode reduzir o sujeito a realidade de si mesmo, e o eu opera num determinado recobrimento das relações simbólicas que estruturam o sujeito.” (VALLEJO & MAGALHÃES, 1979, p.53)

A estrutura de personalidade (ou clínica) é a organização psíquica de cada um e pode ser neurose, psicose ou perversão. Constitui-se a partir do decorrer na formação do sujeito e, principalmente, durante o complexo de Édipo. Nele podemos perceber como se definiu a função fálica e a castração, nos mostrando como tal sujeito mantém a relação com o falo, ou seja, com o desejo e a falta.

No primeiro tempo do Édipo, a criança é o falo para sua mãe. Torna-se objeto do desejo materno. No segundo tempo, é papel do pai interferir no relacionamento entre criança e mãe, tirando o objeto fálico da mãe e castrando o filho, impondo, portanto, a lei (ou nome-do-pai para Lacan). Já no terceiro tempo, acontece a castração definitiva e o pai passa a ser visto como o possuidor do falo que mãe deseja, porém agora também é faltante, já que também deseja a mãe. Nesse tempo, ocorrerá a identificação sexual e a saída do Édipo, com o recalque passando a funcionar.

A situação das neuroses nasce do complexo de Édipo – responsável também pela filiação e sexuação – já que tal estrutura será uma posição adotada frente a angústia da castração. O Édipo para a formação de uma neurose é completo: seu terceiro tempo chega a se fechar, passando a ter o nome-do-pai ou castração e com o recalque passando a operar no sujeito – caracterizando, assim, a neurose.

Nas neuroses, para Tinoco (2010), existe o conflito entre id, ego e superego (que, inclusive, é herança do complexo de Édipo por ser a introjeção da lei). O desejo de fazer algo que é proibido é recorrente e, portanto, mecanismos de defesa – principalmente a repressão – são acionados. Por isso, existe grande gasto de energia psíquica, além da ansiedade e do sentimento de culpa para buscar uma reparação (mesmo quando tal desejo está apenas em pensamento e não há ação.)

O texto freudiano de 1900 nos leva a acreditar que desejo é uma das maneiras pela qual podemos chamar esse sujeito. O desejo inconsciente existe apesar da consciência. Partindo do princípio que o desejo do sujeito biológico nada mais é que ter uma necessidade não satisfeita, entramos em choque com o desejo do sujeito da psicanálise – o mesmo que é o sujeito do desejo – estabelecido por Freud.

Aí, segundo Vallejo e Magalhães (1979), temos um desejo que remete sempre a uma falta e uma possível busca para sua satisfação, sendo, então, indestrutível e, até por isso, inalcançável. Além do referido, o desejo do sujeito da psicanálise é pautado na noção de inconsciente, diferindo também do sujeito filosófico consciente.

83

O sujeito do desejo inconsciente: como pode ter mudado tanto desde Freud?

O SUJEITO CONTEMPORÂNEO

A Psicanálise se constituiu sob o signo da liberdade, inscrevendo-se, pois num projeto libertário. Ao pretender, com Freud, tornar consciente o inconsciente, o que estava em pauta era libertar o sujeito do determinismo e do jugo do inconsciente, para ampliar o campo de liberdade daquele e lhe possibilitar maior mobilidade.

Na atualidade, fala-se muito sobre a modernidade. Com a modernidade, é o indivíduo que está em questão, rompendo com as amarras limitadoras do holismo e do cosmos e se expandindo em sua existência. Portanto, é o indivíduo como *valor* que funda a modernidade.

O liberalismo se impôs como a doutrina por excelência dos tempos da modernidade, definindo em termos concretos os ganhos e as perdas das individualidades nas relações com os outros. O universo dos sentimentos centrados no *eu*, ao demarcar as fronteiras e os territórios entre o indivíduo e os outros, se desdobra em lucros, direitos e poder no espaço social.

O discurso da ciência passa a ocupar posição estratégica de produção e de agenciamento da verdade, substituindo progressivamente os discursos filosófico e teológico. A racionalidade científica pode argüir sobre a veracidade dos enunciados e dos juízos. Em decorrência disso, a tecnologia se transforma no instrumento por excelência do exercício da sabedoria humana. O homem torna-se capaz de ser a fonte da vida nos laboratórios científicos, não sendo isso, pois, uma dádiva divina, e sim fruto da razão científica.

R
E
V
I
S
T
A

No modernismo, há um cenário delineado por outras coordenadas. Uma transformação fundamental se produz, rearticulando de maneira diversa e radical o campo dos signos. Nele existe uma inversão dos eixos norteadores da modernidade. Com efeito, com o modernismo os reinos do *eu* e da razão são postos em questão.

Como herança freudiana, o erotismo e a sublimação são as formas por excelência pelas quais o sujeito pode constituir destinos para o desamparo. Diante da impossibilidade do sujeito de afrontar a dor produzida pelo desamparo, surge como solução imediata e, de maneira submissa, a colagem ao outro, considerado poderoso e do qual espera proteção para os seus infortúnios. O sujeito oferece ao outro o seu corpo e o seu psiquismo para que aquele possa gozar como queira desde que, em contrapartida, ele lhe ofereça proteção para o desamparo. Não obstante a humilhação que tal posição possa implicar para o sujeito, este prefere isso a permanecer entregue ao desamparo. Pode-se entrever, por esse viés, porque as depressões assumem tal importância na atualidade, resultantes que são do pacto masoquista realizado à custa de uma imensa humilhação da autoestima.

A despossessão subjetiva se apresenta hoje de forma vertiginosa, materializando-se tanto nas perturbações de múltipla personalidade, como nas inibições psíquicas devastadoras encontradas nos estados-limites e nas perturbações psicossomáticas.

O termo estados-limites, também conhecido como Neurose de Borda, corresponde à leitura francesa para as novas modalidades clínicas da atualidade, na qual é vislumbrada sua proximidade tanto do funcionamento perverso quanto do psicótico. O sujeito em estado-limite mostra-se invadido por afetos contraditórios que paralisam não somente seus atos, como acontece com o fóbico, mas em seu próprio ser. O estado-limite é uma resposta adequada a uma incerteza das referências que caracteriza o laço social contemporâneo (RASSIAL, 2000).

84

Um desamparo fundante da subjetividade moderna evidencia a presença de uma nostalgia, qual seja, a ausência da figura do pai enquanto instância de proteção para o sujeito. Estaria então a ausência da figura do pai no fundamento do mal-estar na modernidade? No discurso freudiano a modernidade se fundaria pelo desaparecimento de um legislador absoluto, isto é, a figura do um, e sua substituição pelo múltiplo.

Seria justamente tal perda e a sua resultante, isto é, a ausência de uma autoridade inquestionável, que estariam no fundamento do mal estar da modernidade, o qual evidencia a perda de um único intérprete para os acontecimentos do mundo e a emergência correlata de uma multiplicidade de interpretações? Um critério revela hoje uma busca preferencial das pessoas, em estado de sofrimento, pela salvação no campo da religião, na crença de promessas aliviadoras proporcionadas pelos psicofármacos e o êxtase das drogas pesadas.

Não se pretende a cura das doenças com a psicanálise, pois as perturbações do espírito não são enfermidades, mas dissonâncias advindas da ausência de qualquer referencial universalizante para o sujeito. O desamparo do sujeito é a matéria prima da psicanálise. Ser sujeito é ter de recomeçar insistentemente seu percurso singular, ter de lidar com seu desamparo em um mundo em que universalidade e totalidade não mais existem.

Observando o campo social da atualidade, é possível constatar que o autocentramento do sujeito atingiu limiares impressionantes e espetaculares, se comparados com momentos anteriores da história. Estaria o sujeito perdendo a densidade e a profundidade? A rigor, podemos apenas afirmar que nada sabemos sobre isso. Indagação legítima que deve nos levar adiante.

Um dos traços notáveis do pensamento contemporâneo é a reflexão sobre o saber da ciência, sua natureza, suas funções e seus critérios. Tal reflexão se propõe a dar o que pensar àqueles que se ocupam dos problemas da epistemologia contemporânea. A neurobiologia tende a suplantar a

psicanálise e a desacreditá-la ao declará-la não científica, portanto, pouco crível. A pesquisa sobre o homem está dominada atualmente pela interpretação neurobiológica da consciência.

Considerando que a civilização contemporânea gera uma superabundância de estímulos não vinculáveis de modo conveniente, a psicanálise tem de se preparar para acompanhar a transformação dos costumes, bem diferentes daqueles em vigor durante o primeiro século de sua existência, pois atuam sobre a mente de modo também diferente, influenciando sua estruturação. O desenvolvimento possibilitou que os desejos humanos se tornassem realizados como nunca foram sequer imaginados, com as facilidades exigindo pouco esforço do ego. O ego passou a receber estímulos antes impensáveis, que passaram a pôr em xeque, continuamente, sua capacidade de integração e síntese.

A articulação entre a psicanálise e a neurociência constitui novidade delicada o suficiente para merecer exposição tão cautelosa quanto possível. Há que se ter em mente que, apesar de os anos 90 terem sido considerados a década do cérebro, a neurociência encontra-se no início da caminhada que conduz ao desvendamento do psiquismo por via cerebral, embora o que tem sido mostrado até o momento seja suficiente para dar idéia segura do caminho a ser explorado. (ANDRADE, 2003).

A ÉTICA EM PSICANÁLISE E SEU SUJEITO ÉTICO

Neste capítulo nos propomos a pensar em ética analisando o sujeito e as implicações que as transformações sociais trouxeram para a vivência desse sujeito na contemporaneidade. Um olhar atento às conseqüências éticas do advento da psicanálise no Ocidente deve contemplar seu caráter revolucionário que coloca em xeque os pressupostos éticos tradicionais. Estes já não se sustentavam mais como norteadores da ação moral nas sociedades do final do século XIX. Assim, o início do século XX assistiu ao abalo que a teoria de Freud ocasionou na prepotente moral burguesa ao chamar a atenção do mundo para o terreno pantanoso, a saber, o inconsciente, onde se originam os ideais morais que regem a humanidade. Embora sua teoria trouxesse em seu âmago a idéia de um determinismo sobre o qual o homem poderia, equivocadamente, justificar seus conflitos, angústias e desmandos, Freud pretendeu o contrário, quando apontou o mal que era praticado e o sofrimento que o homem infligia a si mesmo, guiado pela idéia de um código de ética absoluto e inquestionável

Aceitar a existência do inconsciente é condição primordial para o sujeito freudiano ser livre; liberdade essa adquirida na medida em que esse sujeito aceita o desafio do caráter restritivo dessa liberdade, condição fundamental para ser capaz de reconstruir sua significação. O alcance desse estado de consciência atravessa o processo em que a palavra, como símbolo indispensável do vir a ser desse sujeito, dá sentido ao significante do seu inconsciente que deve ser desvendado. Isso nos aponta, escreve Garcia-Roza (1996, p.26) que “(...) a teoria do inconsciente nos indica é que a ação humana possui um sentido escondido, e que a psicanálise opera por um retorno a esse sentido oculto (...)”.

Assim, para compreendermos este processo, no qual o homem deveria alcançar o discernimento de que liberdade e restrição fazem parte de uma mesma moeda, devemos retroceder no tempo histórico desse sujeito. Para isso, passaremos a refletir sobre a configuração desse sujeito psicanalítico, dada no início da modernidade, e, como foco principal dessa reflexão, a franca crise ética que as transformações sociais impingiram a ele desde então.

Com a crise clerical, “A função nomeadora e estruturante do “Pai” vai lentamente se desencarnando da figura dos representantes de Deus na terra (...)”. (KEHL, 2002, p.56). A desconstrução do paradigma medieval de “Pai” tornou para o homem moderno a imagem deste

cada vez mais abstrata, onde seus designios são cada vez mais enigmáticos e com passíveis interpretações individuais e diferenciadas.

O medievo até então organizava a vida dos homens. Com as mudanças dos imperativos que regiam a vida do indivíduo, os paradigmas medievais foram sendo gradativamente substituídos pela modernidade, seu caráter individualista e um crescente desamparo, característico de nossa condição atual. É neste desgarre e abandono onde encontramos o sujeito da psicanálise com sua busca de um pai que lhe devolva o amparo e as certezas perdidas. Assim, a crise do poder patriarcal posto em xeque com o advento da modernidade e sua crise com o Nome do Pai bem como com o lugar vazio do Bem Supremo.

A psicanalista Maria Rita Kehl aponta para a indecisão dentro das produções teóricas da psicanálise, entre responder ao chamado para a restauração do Pai, no modelo tradicional, e empenhar-se a partir do enfraquecimento das instâncias de poder. Para ela, “não é difícil concluir que a primeira demanda parte da covardia moral do sujeito neurótico, a qual o psicanalista tem o dever de não apaziguar”. É assim que o sujeito da psicanálise é marcado por um conflito entre instâncias psíquicas, em relação ao qual ele está dividido e alienado. Tal alienação se dá em conexão à dívida simbólica que faz dele “o culpado crônico de um ‘crime’ desconhecido, pronto para a obediência e a punição” (KEHL, 2002, p.85).

A divisão desse sujeito ocorre por ele ignorar uma dimensão de si mesmo, cujo caminho de apropriação acontece pelo acesso à palavra. Dividido quanto a seu Bem que não se coaduna com o objeto de seu prazer. Dividido por um desejo de submissão, de fazer-se todo objeto para o gozo do outro, o que resultaria em sua própria aniquilação (KEHL, 2002, p. 85).

Aqui, fica claro que no choque desse sujeito dividido e alienado, encontramos o anúncio de Freud sobre uma ruptura entre a lei moral e o prazer, entre o Bem e o bem-estar, o que, juntamente com a crise do Nome do Pai, nos coloca no cerne do conflito ético do sujeito contemporâneo.

A questão do bem permeia a reflexão sobre ética. Sobre isso, Lacan diz: “A dimensão do bem levanta uma muralha poderosa na via do nosso desejo. É mesmo a primeira com a qual lidamos a cada instante e sempre.”. É desta forma que, entre o desejo inconsciente, segundo concebe a psicanálise, e o bem que se pretende, ou o bem para o homem, segundo denominava Aristóteles, há um impedimento, uma barreira. A psicanálise denuncia a ilusão sobre esta barreira, de que é franqueável ao sujeito a linha que divide o desejo e o bem. É nesse sentido que a dialética da psicanálise se instaura, ou seja, no lugar comum onde caos e ordem coabitam. Destarte, se falamos em ética na psicanálise, não podemos deixar de nos referir à relação analítica e suas contradições. Assim, é importante considerar que a pulsão de morte se faz presente no paciente e também no analista. Tal fato faz com que a prática clínica passe a ser vista também como um confronto e não apenas como a relação entre um interprete e um interpretado; a menos, escreve Garcia-Roza (1996, p.30) “que o analista abra mão de seu desejo (...)” A contrapartida desse combate é a psicanálise colocada a serviço do princípio do prazer e do princípio de realidade, isto é, como regulador do equilíbrio psíquico e da adaptação.

Portanto, não é possível pensar em ética na psicanálise sem pensar nessa relação transferencial. É de suma importância examinar os pressupostos do discurso freudiano quando se pretende pensar em racionalidade psicanalítica. Sobretudo, porque a transferência, escreve Birman (2006, p.47), “(...) tem uma implicação ética inevitável, tanto para o analista quanto para o analisando”. O autor frisa ainda que não está afirmando que a psicanálise seja uma ética, mas que a experiência psicanalítica tem conseqüências éticas sem ambiguidades que é preciso distinguir. Estas conseqüências éticas, afirma ele, “(...) se forjam no campo da transferência, implicando então as figuras do analista e do analisante, nos seus desdobramentos e nos seus impasses”. (Birman, 2006, p. 47)

Até então, nossas reflexões contemplaram a ética na psicanálise e sua implicação na relação entre analista e analisante. Bem como, o caráter racional norteador da psicanálise. Mas além de respondermos ao que se refere à ética na psicanálise, este capítulo deve também responder à questão sobre a ética do sujeito da psicanálise na atualidade. É sobre este sujeito que nosso olhar se deterá a partir deste ponto, e em especial, sobre a possível origem de seus conflitos éticos na contemporaneidade.

Desta forma, para compreendermos o sujeito da psicanálise, sua ética e a crise que o envolve, faz-se necessário evocar a transformação sofrida pela família e suas consequências na também transformação e destino da figura paterna, bem como o que chamamos hoje de a crise do nome do pai.

O processo histórico em que se dá a construção e a desconstrução do Nome-do-pai, encontra sua gênese na transição do mundo medieval para o moderno. A ciência galileana preconizou, por seu platonismo, o abandono de toda a explicação finalista do universo e a afirmação de seu caráter infinito. A partir de tais pressupostos, propunha-se a destruição de um cosmos hierarquicamente ordenado tal qual o havia pensado os filósofos medievais cuja inspiração era Aristóteles. A nova concepção, de um mundo infinito e autônomo derrubava as provas tradicionais da existência de Deus ao desalojar o sujeito de seu lugar central no mundo, no qual era obrigado a buscar Deus em si mesmo. Ora, se o homem medieval vivia em um espaço cuja verdade se dava como religião revelada, acima da filosofia, a nova ordem propunha uma grande reviravolta, ou seja, a soberania de um pensamento que não mais podia recorrer a uma verdade revelada *a priori*. Assim, escreve Roudinesco (2008, p. 127), “Ao mundo fechado, finito e hierarquizado do cosmos medieval, sucedia um universo sem limites em que o sujeito, abandonado a si mesmo, era devolvido à sua razão, à sua incerteza, à sua confusão.”

A história atesta que a partir dos séculos XVIII e XIX, assistimos à gradativa, mas intensa, organização da família se desarticulando do social e se fechando em torno de si mesma, deixando de ser regida como uma instituição, mas por um pacto privado.

Estas transformações e o declínio crescente da autoridade paterna são geradores de crise e, segundo propunha Lacan “(...) um grande número de efeitos psicológicos nos parece se originar em um declínio da imago paterna (...). Seja qual for o futuro, esse declínio constitui uma crise psicológica. Talvez seja a essa crise que devemos reportar a aparição da psicanálise.”

Desta forma, o homem de hoje, transformado no contrário de um sujeito, está longe de construir-se a partir da consciência das determinações inconscientes que o atravessam à sua revelia. Este sujeito está longe de pretender-se um sujeito livre e está desvinculado de suas raízes e de sua coletividade. Trata-se de um sujeito cindido, que evita as contradições, que se nega a angústia inerente ao ser humano ou “(...) que foge do seu inconsciente e está preocupado em tirar de si a essência de todo conflito.” (ROUDINESCO, 2000, p. 19). É assim que, na negação da infelicidade e da angústia, esta retorne de maneira fulminante nas relações sociais e afetivas na valorização do vazio e da estupidez como forma de eliminar os sintomas mais dolorosos de sua dor psíquica, sem buscar-lhe significação.

CONCLUSÃO

Ao longo de nossas releituras, constamos e retomamos questões primordiais da relação do sujeito psicanalítico e o psicanalista. Tal questão se dá na relação transferencial que tem uma implicação ética inevitável para ambas as partes, envolvendo os desdobramentos e os impasses dessa relação de transferência. Tal relação, porém, se dá no final do processo onde localizamos

este sujeito sintomático. A nosso ver, este encontro representa o divisor de águas entre o sujeito construído e o sujeito a ser desconstruído e resignificado por via da psicanálise.

Este sujeito sintomático, objeto central da psicanálise, emerge historicamente, das relações familiares, e, como já mencionamos anteriormente, da crise do nome do pai, ou seja, do declínio da autoridade paterna, gerador de crise psicológica.

É para responder a essa crise que vimos nascer a psicanálise. No delineamento do sujeito contemporâneo, cujo eixo de referência erode, ou quase se extingue, distinguimos a crise localizada na nova configuração da estrutura familiar e também dos saberes. Assim, encontramos os contornos de um sujeito ético de um mundo sem limites e, que toma o outro para o próprio gozo ou que se dá num movimento contrário.

No entanto, embora conscientes dos males que afetam o sujeito contemporâneo, não se pretende a cura das doenças com a psicanálise, pois as perturbações do espírito não são enfermidades, mas dissonâncias advindas de qualquer referencial universalizante para o sujeito. O desamparo do sujeito é a matéria prima da psicanálise. Ser sujeito é ter de recomeçar insistentemente seu percurso singular, ter de lidar com seu desamparo em um mundo em que universalidade e totalidade não mais existem.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Victor Manoel. *Um diálogo entre a psicanálise e a neurociência: a “Psicanálise Maior” prevista por Freud torna-se realidade no século XXI como metapsicologia científica*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

88 BIRMAN, Joel. *Arquivos do mal-estar e da resistência*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

DUFUOR, Dany-Robert. *A arte de reduzir as cabeças: sobre a nova servidão na sociedade ultra-liberal*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2005.

ELIA, Luciano. *O conceito de sujeito*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *Freud e o inconsciente*. 20 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

KEHL, Maria Rita. *Sobre ética e psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

RASSIAL, Jean-Jacques. *O sujeito em estado limite*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.

ROUDINESCO, Elisabeth. *Por que a Psicanálise?*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

TINOCO, Denise Hernandez. *Psicologia, Psicanálise e Psicossomática*. Londrina: EdUnifil, 2009.

VALLEJO, A., MAGALHÃES, L. C. *Lacan: Operadores da leitura*. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 1979.